

## **ATA DA 127ª REUNIÃO PLENÁRIA ORDINÁRIA DO CONFEMA, REALIZADA NO DIA 27 DE OUTUBRO DE 2017.**

**José Manuguerra (Coordenador Geral)** - Bom dia a todos, damos início à 127ª reunião ordinária do CONFEMA. Hoje é dia 27 de outubro, 9:40, aqui na Secretaria do Verde e Meio Ambiente. O Secretário Fernando Von Zuben pede desculpas pela ausência. Ele está na consulta pública do Plano de Manejo da Mata Atlântica, que, infelizmente, foi marcada para a mesma data. Seria muito importante que nós também estivéssemos lá, mas em respeito à agenda nós mantivemos a reunião do CONFEMA. Anuncio também a presença de alguns Conselheiros do Parque Trianon; logo adiante eu vou comentar um pouco sobre a situação do parque. Nós estivemos em reunião de posse dos Conselheiros esta semana, tem algumas informações importantes para passar para os Senhores Conselheiros. Vamos passar o primeiro item do expediente: aprovação da Ata da 126ª reunião ordinária do FEMA. Os Conselheiros receberam a Ata no momento da convocação e vale informar que, devido a um problema no equipamento, nós perdemos aproximadamente 40 segundos do início da gravação. Então, por esse motivo, a Ata começa com "Ok, é isso". Faltou a abertura formal do evento, mas não houve nenhum prejuízo com relação aos itens da pauta. Apenas para registrar, a gente está verificando com o pessoal da técnica para que esse problema não volte a ocorrer. Os Conselheiros que forem favoráveis à aprovação da Ata, por favor permaneçam como estão. Pois não, Sueli?

**Cons. Sueli** – Sueli, Macro Leste 1. O nome da entidade que eu represento está escrito de maneira errada.

**José Manuguerra (Coordenador Geral)** - Perfeitamente. Nós solicitamos a correção do nome da entidade - faltou um "s" lá -, mas a Ata publicada no Diário Oficial foi já com a correção, tá Ok? Alguma consideração? Então os Conselheiros que estiverem favoráveis à aprovação da Ata da 126ª, por favor, permaneçam como estão. A Ata está aprovada por unanimidade. Vamos passar ao segundo item do expediente: informes gerais e sugestão de inclusão de pauta para esta reunião. Nós tivemos uma reunião esta semana no Conselho de posse do Conselho Gestor do Parque Trianon, onde nos foi passado uma situação bastante preocupante que diz respeito a uma espécie de palmeira que está se desenvolvendo muito rapidamente no entorno do parque, dentro do próprio parque. Essa espécie - o pessoal do DEPAVE vai fazer uma apresentação mais detalhada logo em seguida - ela está predando as demais espécies do parque, ou seja, se torna uma ameaça ao meio ambiente. Então, é uma situação bastante curiosa, porque existe um movimento de moradores e usuários da região que são contrários a qualquer manutenção que envolva supressão dessas palmeiras. As pessoas estão com uma visão equivocada de que "não, não pode mexer na árvore, tem que manter, não pode cortar", quando, na verdade, o problema é exatamente o oposto. Se nós permitirmos que essa situação se perdure, daqui a poucos anos, poucos anos, o parque vai ser tomado por uma espécie só, perdendo toda a sua biodiversidade. Então, para vocês terem uma ideia, o estudo que me foi apresentado pela equipe do DEPAVE mostra que nos últimos três anos dobrou o número de palmeiras dessa espécie, que está predando, literalmente, as outras espécies. Então, a ideia do projeto seria a supressão dessa árvore que não é nativa da região, o plantio de espécies nativas - e aí a relação de espécies é acima de 50, é um número extraordinário - o controle dessa situação. Em paralelo a tudo isso, uma proposta de educação ambiental para conscientizar os usuários do parque de que essa é a situação correta, é a situação natural no parque e não o que está ocorrendo hoje. Então, hoje fala-se em aproximadamente 1.000 exemplares dessas palmeiras, desde as menores até as já adultas, a serem a serem removidas. É uma situação bastante grave. Se mantiver a curva de crescimento normal, daqui a dois, três anos, serão 2.000 árvores, daqui a cinco, seis anos serão 4.000 árvores e assim por diante. Então, é uma situação muito preocupante. Além disso, tivemos essa semana uma reunião com a Controladoria Geral do Município, que solicitou uma colaboração por parte da Diretoria do FEMA em disponibilizar no Portal da Transparência e, também, no site da Secretaria informações sobre os recursos do FEMA, projetos em desenvolvimento e outras informações. Então, a Controladoria Geral está iniciando esse trabalho com diversos fundos, entre os quais o FEMA. Então nós estamos, em conjunto com eles, fazendo uma reestruturação do site da Secretaria e também desenvolvendo um conjunto de informações a serem passadas para o Portal da Transparência de forma permanente. Quando nós tivermos já esse modelo desenhado, trarei aqui para a apresentação aos Conselheiros. Muito bem, eu já comentei, estamos tendo nesse momento - daqui a 15 minutos - consulta pública do Plano de Manejo da Mata Atlântica,

um trabalho desenvolvido por DEPAVE 8, em conjunto com outros Departamentos da Secretaria. É uma etapa legal da aprovação do plano e nós devemos fazer uma aprovação desse plano também no Conselho do CADES e uma apresentação no Conselho do FEMA, possivelmente na reunião de dezembro. Informe gerais, basicamente isso. Agora eu passo para sugestão de inclusão de pauta para essa reunião. Eu tive uma reunião no Conselho do CADES há uma semana, onde reforcei a importância de que os Conselheiros sugiram pautas, tanto para as reuniões presentes quanto as futuras, porque, infelizmente, em função do nosso trabalho nem todas as reuniões serão de deliberação ou de apresentação de projetos. Muitas vezes existem outros assuntos também importantes que devem ser discutidos, por mais que não digam respeito à aprovação, liberação de recursos e tal, mas é muito importante a gente usar este fórum e toda a rede de contatos que os Conselheiros e convidados têm para disseminar esse conhecimento. Então, as pautas são predominantemente fornecidas pelos Senhores Conselheiros. É muito importante que todos colaborem. Pô, Manuguerra, nós temos uma sugestão para falar de reciclagem, nós temos uma sugestão para falar de compostagem, de novas técnicas, um grupo da faculdade, um grupo de alunos gostaria de vir apresentar... Então, nós estamos sempre muito abertos a esse tipo de colaboração e não só abertos. É fundamental para a consistência das nossas reuniões. Claro, quando nós tivermos aprovações ou apresentações, como é o caso de hoje - nós temos três projetos a apresentar -, serão feitas. Quando não tivermos uma agenda tão cheia, a gente inclui esses assuntos também relevantes de ordem geral. Ok? Alguém tem alguma sugestão para a reunião de hoje? Discussão? Não? Ok. Então vamos passar ao primeiro item da ordem do dia: apresentação do projeto de defesa da biodiversidade do Parque Trianon, feito pela senhora Andreia. É a Andreia que vai apresentar? (voz ao fundo) Oi, querida, bom dia. Andreia, do DEPAVE 5. Andreia?

**Andreia** - Ok. Bom... Então, bom dia a todos e todas, eu sou Andreia, analista de meio ambiente do DEPAVE 5. Eu faço parte da equipe técnica de manejo, responsável por passar todas as orientações de conservação de áreas verdes e manejo arbóreo no DEPAVE 5, com alguns parques - por cerca de 12/13 parques - sendo a maioria deles os parques tombados da cidade, que são bem criteriosos e trabalhosos, mas são desafios muito bacanas, né, para a gente como técnicos. E o Trianon é um deles. Então, eu vou fazer uma apresentação de um problema e de uma proposta de solução, de algo que tem acontecido há alguns anos, que a gente está com uma percepção, assim, de um desenvolvimento forte, como o Manuguerra já adiantou, que é uma situação bem séria. Então, essa foi uma apresentação que eu fiz, inclusive para um Fórum que foi realizado aqui em agosto na Avenida Paulista, promovido pela Associação Paulista Viva, que tratava de invasão biológica na cidade. Foram convidados até pessoas muito especialistas no assunto e a gente teve a oportunidade de apresentar o caso do Trianon. Então, eu estou aproveitando essa apresentação para vocês aqui. Então, vamos lá. Então, a gente está falando do Parque Tenente Siqueira Campos. Aliás, eu não perguntei quanto tempo eu tenho para apresentar. (vozes ao fundo) E, aí, vocês vão me controlando, por gentileza, tá? Que se eu me empolgar... (risos) vocês me cortam. Bom, então a gente está falando do Trianon, que é o único remanescente de Mata Atlântica do centro da cidade, então é um parque, assim, de importância inestimável para nós que somos aqui na região Centro-Oeste. Ela é composta por uma vegetação heterogênea, ou seja, a gente tem, sim, exemplares nativos, que já são originários, porém a gente teve muita introdução de outras espécies, inclusive pau-brasil, que é Mata Atlântica, porém é uma Mata Atlântica da região da Bahia para cima, não é ocorrência na cidade de São Paulo. Então, é por isso que a gente chama de floresta heterogênea. Falamos já do único fragmento atlântico e é uma área de 48.000 metros quadrados, aproximadamente, cercada por prédios. Vamos lá. Então, com relação à introdução de espécies que não são nativas da Mata, a gente tem algumas que nos causam preocupação, que são as exóticas. Algumas, inclusive, elas estão relacionadas na Portaria que fala de manejo de espécies exóticas invasoras. Não é o caso dessas aqui, exceto a seafórtia, que a gente vai dar um enfoque mais para frente na apresentação. Então, a gente tem, dentre elas, o café - por incrível que pareça -, a dracena, leque da China, malvaisco, que atrai abelhinha, que atrai beija-flor. Ela também é considerada uma exótica e dependendo de como ela... a situação dela, ela se torna uma invasora. É um difícil manejo, até, essa bichinha aqui. A seafórtia, que a gente vai falar mais, e o pau-incenso. Então, a gente tem a palmeira como o nosso foco principal. Porém, quando a gente fala de enriquecimento da biodiversidade, a gente vai ter que também trabalhar com essas espécies de menor porte, que não são consideradas arbóreas. Vamos passar. Então, falando um pouquinho da palmeira, que o Manuguerra já

comentou, ela é uma palmeira que veio da Austrália. É uma espécie bonita, infelizmente. Realmente uma palmeira muito bonita; ela tem um crescimento muito rápido. Então, caiu semente, o passarinho vai lá, come coquinho, vai fazer o cocozinho em outro lugar, ela já cresce muito rapidamente. A gente pode ver nessa foto aqui - não sei se dá para perceber - que forma um tapete, um tapetinho que parece até um gramado, porém são todos bebês de seafórtia, da palmeira australiana. Aí, ela vai crescendo. Você tem alguns indivíduos jovens crescendo no sub-bosque e elas atingem alturas aí de 12 metros para cima quando adultas e começam a produzir cachos com frutos em pouquíssimo tempo e os passarinhos gostam bastante de comer essa palmeira. Então, vocês imaginam. Ela frutifica rápido, o passarinho come, voa e quando a gente vai andando pela cidade - a partir de hoje eu tenho certeza que vocês vão começar a observar essa palmeira pela cidade. Assim, eu vejo na minha rua, eu vejo na frente da academia. Ela é muito utilizada mesmo como espécie ornamental na cidade e domina o ambiente. Por quê? Porque começa a cair folha. Então, se tiver uma sementinha de nativa querendo brotar ela não vai conseguir brotar. Ela provoca um sombreamento muito intenso; então, tem espécies que são heliófitas, ou seja, elas precisam de luz para despertarem e elas não vão ser despertadas porque tem um sombreamento muito forte e ela começa a dominar o ambiente, como já foi comentado aqui. Então, ela provoca realmente muita competição com as espécies nativas da Mata Atlântica local ali. Acho que a gente pode passar. Bem, essa foto ela estava bacana, mas ela perdeu um pouco a definição dela, mas é para vocês terem uma noção do que a gente está falando. Isso é o lote 11, porque o Parque Trianon... Todo mundo conhece lá dentro? Ele tem os caminhos de pedra portuguesa. Então, vocês têm vários sub-bosques ali no meio dos caminhos, com várias espécies históricas maravilhosas e, no meio delas, a gente encontra esse cenário, que são as palmeiras australianas. Para quem não conhece, confunde um pouquinho com palmito-juçara. É difícil identificar mesmo. Palmito-juçara, se a gente tivesse palmito-juçara ao invés de seafórtia, os passarinhos estariam melhor alimentados, porque ela tem um poder nutricional muito mais efetivo. A Fauna está fazendo um acompanhamento disso também conosco e esse é um dado que veio da Divisão de Fauna. Então, esse é o cenário de um dos sub-bosques ali na área 1, perto da Paulista, da dominação aí da palmeira australiana. Vamos passar, por favor. Esse mapinha eu sei que é toscão, bem caseirão por quê? Esse é o mapa que gente leva para campo. Então, que que a gente tem feito? A gente está fazendo a contagem dessas palmeiras. Então, tem o Danilo, que é o meu estagiário, o Gustavo, que é outro técnico do DEPAVE 5, que também tem nos ajudado, as estagiárias do Parque Trianon. Eles vão, pelo menos uma vez por semana, desde julho, para recontar as seafórtias que estão no parque. Então, o que está em amarelo... Vamos voltar um pouquinho. O que está em verde é a proposta de plantio, a proposta inicial de enriquecimento vegetal do Trianon que a gente fez junto com DEPAVE 1, indicado pelo Herbário Municipal e pelo Viveiro Manequinho Lopes. Então, a princípio, o verdinho seria "tira uma palmeira, põe outra árvore". Só que quando a gente chegou lá - isso era um levantamento mais antigo - a gente percebeu que tinha muito mais. Falou "puxa vida, a gente vai ter que começar a contar novamente, porque já não é mais aquele número lá de três anos, quatro anos atrás. Então, tudo que está em amarelinho, bolinhas amarelas, são seafórtias que apareceram. E aí a gente vai passar para o próximo slide e a gente tem essa tabelinha, porque há dois meses atrás a gente fez a tabela, tá? Claro que a gente vai atualizá-la, né? A gente fez a contagem em quatro lotes, quatro sub-bosques ali entre os caminhos portugueses e percebeu esse incremento em quatro anos. Então onde tinha 20 árvores de seafórtia hoje tem 49. Esse 10 aqui e o 11 - olha lá - 26 em 2013. Isso daí mais que duplicou. A gente teve um incremento aí de, né? Olha, de 87 foi para 197. Isso daí dá muito mais que 100% de crescimento, é muito grande. Para mostrar a agressividade da propagação dessa palmeira. E vamos lá. Então a gente vai ter que recontar tudo, que a gente está terminando essa recontagem e atualizar o projeto, mas eu vou falar disso depois. Então, mediante esse problema, que ele não é um problema nosso. A gente tem espécies nossas de Mata Atlântica que são invasoras nos Estados Unidos, não é só o que vem de fora. A gente também tem espécies muito bacanas, para nós aqui, de Mata Atlântica, mas quando ela atravessa o oceano, ela vira um problema lá. E foi o que aconteceu com essa palmeira. Então, não é um problema desconhecido. Bom. Então, nos objetivos, que que a gente tem que fazer urgente: recuperar a biodiversidade do Parque Trianon por meio do controle da invasão biológica e reposição de perdas vegetais, porque, com os anos, não só pela invasão biológica, a gente vai perdendo mesmo. Então, se a gente faz um manejo usual - que o parque também tem o manejo dele - você tira uma árvore, você tem que por outra porque tem a Lei 10365. Isso é uma coisa,

mas quando você tem um processo de invasão biológica, a coisa é mais séria. Então, a gente precisa ter um outro caminho para combater esse problema. A gente teve muita predação de orquídeas lá também, gente. O pessoal gosta muito de orquídea, né? Então, as pessoas veem bonitinha lá na árvore, vão lá e levam para casa. Então, a gente também tem essa questão. Até o meu estagiário está fazendo um trabalho nesse sentido de levantamento de epífitas, com foco em orquídeas. Tem muitas pesquisas acontecendo no Parque Trianon, inclusive também para a gente tentar resgatar essas orquídeas do parque. Então, a gente não está falando só de palmeira. Vamos lá. Então, que que a gente quer? A gente está planejando o enriquecimento; enriquecimento é você repor as espécies lá da Mata Atlântica que a gente perdeu. Tira a palmeira, põe nativa no lugar, de acordo com as características de cada local. Então, isso foi considerado já no primeiro plano. Se é uma espécie de borda, então, você está andando no caminho, é um ambiente, no centro do sub-bosque é um outro ambiente. Então, você tem todo um planejamento para dispor cada espécie no seu devido lugar para que ela consiga se desenvolver e chegar até a fase adulta e com isso a gente poder também não só enriquecer a flora como a fauna. Acho que a gente falou das espécies que gostam de sol. Então, claro, vai abrir uma clareirinha quando a gente tirar a palmeira? Vai. Então aquelas espécies que estavam esperando um pouquinho de sol para nascer, elas vão conseguir desabrochar ali e a gente vai obter com isso extratos arbóreos, arbustivos, herbáceos do domínio da Mata Atlântica. Então, essa é uma das nossas intenções. Deve ter mais coisa ali, né? A gente também pretende - já fizemos, inclusive - por palmito-juçara, porque ela vai ser paisagisticamente uma substituta da palmeira-seafórtia, porque elas têm a mesma característica - você olha e você mal sabe diferenciar - de uma maneira proporcional. Claro que se você tirar 1.000 seafórtias, a gente não pode plantar 1.000 palmeiras-juçaras porque senão você vai ter uma monocultura. Então, o Herbário e o Viveiro eles que vão dar as diretrizes de quanto que a gente pode plantar de maneira a gente não causar um outro impacto. Isso aconteceu, se não me engano - eu ouvi comentários - no Jardim Botânico, que o pessoal plantou muita palmeirinha-juçara e acabou ficando aquela coisa, né, aquela monocultura e isso pode também causar impacto. A gente tem que tomar muito cuidado com o que está fazendo. E o reconhecimento das epífitas, que eu já comentei também. Vamos passar, por favor? O que que a gente tem feito? Aí até foi interessante o seu comentário a respeito da reunião do Conselho Gestor do Trianon, porque realmente um dos cuidados que a gente está tendo é com a opinião pública e com a participação da comunidade nesse processo. Porque eu também já fui a defensora da árvore, de chegar e abraçar ou fazer um cinturão em volta do Trianon quando eu era adolescente, né? Então, às vezes a gente não tem um conhecimento profundo da situação e com a melhor das boas vontades a gente quer defender um verde, mas é um verde que na verdade é um verde que é um problema. A gente tem que acolher essas pessoas que têm as críticas e mostrar para elas que não é bem assim, que a gente tem um meio termo. Então, o que que a gente já tem feito para tentar trazer esse pessoal para o nosso lado e eu acho que de uma forma bem positiva? Então, a gente já envolveu o Conselho Gestor do Parque Trianon. Teve uma nova eleição, né? A gente envolveu o anterior e o atual, pelo que você colocou, também já está envolvido, já abraçou a causa. Então, tem uma aprovação antes de qualquer coisa do Conselho Gestor, que é fundamental nesse processo. Trabalhos de sensibilização da comunidade, isso já está acontecendo desde do meio do ano; eu vou mostrar o que a gente já fez nesse sentido. Articulação com parceiros locais e universidades, então eu vou mostrar também a rede de parceiros que a gente já tem do nosso lado, que são fundamentais. A USP... Teve um trabalho - não sei se vocês já ouviram falar - que eles fizeram um controle de seafórtia na Cidade Universitária. Foi a professora Vânia Pivello. Eles fizeram esse trabalho ali e a gente está usando como referência, porque a gente tem que ter a universidade, a gente tem que ter base científica para cada passo que a gente dá. Então, a USP também está do nosso lado e estamos atualizando o projeto de enriquecimento. Então, como eu disse, a gente está terminando a contagem das seafórtias, a semana que vem eu tenho certeza que zerou. A gente já está... na última contagem eram mais de 600, mas eu acho que vai chegar a aproximadamente 900 adultas. A gente está falando das grandonas, da DAP 5, grandona, não estou falando de baixinha não. Então, é muito mais que isso. E vamos passar. Então que que a gente já fez no sentido de sensibilizar e articular? Como é que está o tempo aí, gente, por favor, só para.... (voz ao fundo) Quinze. Então vai dar supertempo. No dia 5 de junho, a gente fez uma ação no Trianon com vários parceiros, foi criado o Comitê de Arborização ali, marcou a criação desse Comitê, numa ação de plantio do Trianon, que a gente plantou mais de 100 mudas de espécies nativas, sendo que a maioria eram

palmitos. Foi até o DEPAVE 8, que é a Unidade de Conservação, que forneceu para a gente. Então a gente já fez uma ação. Foi muita gente de comunidade. Veio gente da Zona Leste, foi muito, muito bacana mesmo. Gente importante: IPT, veio pessoas de peso ali nesse evento para lançar o Comitê de Arborização, mas já começar uma sensibilização com relação ao problema da seafórtia e das outras espécies invasoras. Tem acontecido lá com o DEPAVE 3, que é a Divisão de Fauna, o programa Vem Passarilhar. A Comunicação aqui da SVMA tem divulgado bastante essas atividades, onde as pessoas, com os técnicos do DEPAVE 3, fazem observação de aves. Então, já está acontecendo no Trianon, já houve, que não é só essa parte da sensibilização ambiental, porque o DEPAVE também já está fazendo acompanhamento, levantamento de fauna do parque em paralelo ao Vem Passarilhar. Então, é uma forma também de sensibilização. Bom, envolvimento do Conselho Gestor a gente já comentou, articulação com os parceiros locais e USP, então a gente vai ter... Ali na Paulista, as pessoas são muito ativas. Então, tem um grupo de pessoas muito ativas ali que estão do nosso lado, que promoveram o Fórum de Sustentabilidade da Avenida Paulista e Arredores, que foi aquele que eu comentei que a gente tratou de invasão biológica e foi muito importante para a gente, porque a gente teve a oportunidade de falar para um número grande de pessoas num auditório essa mesma apresentação que eu estou fazendo para vocês e ganhar esse apoio das pessoas. Quem for ao Parque vai ver uma exposição educativa perto da Administração. Então nós, junto com a SOS Mata Atlântica, DEPAVE 3 - acho que basicamente isso - DEPAVE 5, a gente elaborou uma sequência de *banners* contando um pouquinho do que é a invasão biológica e ele está lá. Então, convido a todos a conhecerem. Então, um pouquinho do que tem aqui nessa apresentação está lá de uma forma mais estruturada, também como uma forma de informar sobre a situação. Em decorrência disso aqui, que foi o Fórum, começou um movimento também para se criar um programa de voluntariado em parques municipais urbanos, porque uma coisa sempre leva à outra, e aí as pessoas se interessam pela causa e hoje a gente tem.... o piloto vai ser no Trianon e no Mário Covas, mas a gente está junto com uma ONG que tem muita experiência com voluntariado em hospitais começando uma sementinha de voluntariado mesmo, da forma como ele tem que ser, dentro da lei; e está nascendo dentro do Trianon também. Então, vai começar aí, não sei se no final do ano ou no começo que vem. A gente até está tentando criar um grupo de trabalho para fazer isso de uma forma muito estruturada, que as pessoas têm muita vontade de ajudar o Trianon e a gente tem que organizar essas pessoas que têm vontade de trabalhar pelos parques. Já temos a anuência do CONPRES e CONDEPHAAT. A gente fez uma rápida apresentação no CONPRES e o CONDEPHAAT eu perdi o *timing* porque eu pedi uma reunião, mas os caras foram muito rápidos e já aprovaram o projeto. Eu vi ontem no site deles. Então a gente não pode fazer nada sem a anuência deles, principalmente o CONDEPHAAT. O CONPRES, a gente tem uma Portaria que diz que não precisa de anuência, mas a gente achou muito importante que os órgãos tombadores também nos apoiassem numa situação que é delicada. Então, essa etapa, graças a Deus, a gente já ultrapassou. E já estamos, na verdade, no fim do censo das seafórtias. Vamos lá. Bem, que mais que a gente tem que fazer na prática, independente se tem financiamento ou não, porque esse é um próximo passo que a gente tem que conversar. Estamos finalizando os laudos técnicos, porque toda supressão ela precisa de um laudo, ela precisa de um despacho e isso é publicado em Diário Oficial. Isso daí tem todo um protocolo que a gente segue, então a gente está nesse processo, fazendo aos poucos, porque fazer aos poucos também é um cuidado que a gente também tem de não chocar também demais, não fazer tudo de uma vez, porque a seafórtia é uma doença, a gente tem que tratar ela com delicadeza. Estamos atualizando o plano - a parte do censo - e precisamos de fato começar o início do controle da invasão, porque isso a gente não conseguiu fazer. O problema é identificado desde 2011, foi sinalizado, mas a gente não conseguiu dar conta e aí vocês viram o resultado. E temos também que fazer o plantio. Então, até aqui está tudo bem. Aqui é que a gente vai precisar de ajuda, tá, gente, muita ajuda. E vamos lá. Bom, tem um cronograma que a gente fez e a gente está no mês zero há meses e não tem problema porque a gente está fazendo muita coisa, tem muito trabalho a ser feito ainda. Então, desde a contagem, elaboração de laudos, fazer relatório para órgão tombador, sensibilização ambiental - tudo aqui é mês zero - monitoramento de fauna. As coisas estão acontecendo. Então, é um projeto que ele já se iniciou. A gente está com alguns voluntários que querem fazer o manejo das espécies pequeninhas, que não precisam de laudo. A gente vai estar com eles também para a gente começar o manejo de plântulas ou de espécies pequeninhas que não precisa de instrumento de corte, para não colocar ninguém em risco. Isso

a gente consegue fazer, mas o resto, que começa a partir do mês um, a gente já vai precisar de um apoio maior, porque exige, sim, equipe especializada. A gente quer fazer um trabalho de capacitação também de técnicos para a questão de controle biológico. A gente estava conversando essa semana, porque a gente começa a pensar em projeto. Ok, é uma experiência interessante, mas só a parte de controle de invasão biológica é pouco. A gente precisa capacitar os técnicos da Prefeitura com relação ao problema porque tem vários parques que tem outras espécies. Buenos Aires, por exemplo, já está entrando no processo com a seafórtia também. A gente vai tentar manejar os cachos, mas não é o suficiente. Então, a gente vai começar a também pensar em capacitação de técnicos. Então, a gente gostaria de introduzir isso nesse processo aqui. Bem, então esse é um cronograma que a gente pretende seguir. O que é importante aqui - e aí foi a experiência com a USP, sugestão do Instituto de Biociências - sempre fazer supressões intercaladas com a reposição das espécies. Então, a gente faz um mês, tira um pouquinho, aí no mês seguinte, durante o mês seguinte, repõe. Espera mais um mês, no próximo e vai intercalando. Por quê? Porque assim a gente atende a Lei 10365, que a gente tem que repor em 30 dias, na verdade, e faz um processo mais delicado para não impactar nem o ambiente e nem a sociedade. E, em paralelo, a gente vai ter isso daqui tudo, não pode deixar de ter. Isso para nós é o mais importante, porque a USP fez isso. Foi assim: no Fórum, a Prefeitura de Campinas colocou isso e a USP também. Eles fizeram um manejo de espécie invasora sem uma educação ambiental, uma sensibilização ambiental anterior, assim, efetiva. Só informe. Informe não é educação ambiental, não é sensibilização ambiental, mas era o que eles tinham para fazer no momento, não é verdade? Então, com esse sinal que eles nos deram nesse Fórum, a gente está com muito cuidado. Então, a gente não vai começar nada sem antes ter certeza que a comunidade está do nosso lado. Então, a gente está ganhando um tempinho, né? Bem, vamos passar mais um pouquinho. Bem, então esses são os nossos parceiros hoje: SOS Mata Atlântica, a Associação Paulista Viva, que eles são muito atuantes na Avenida Paulista - então eles estão apoiando muito o trabalho -, o Instituto de Biociências da USP e a Associação Viva e Deixe Viver na questão do voluntariado em parques. A gente pode passar. E as equipes que estão envolvidas dentro da SVMA são essas: o DEPAVE G, DEPAVE 5, que somos nós, DEPAVE 3 - fauna -, DEPAVE 8, que é o Herbário Municipal, DEPAVE 2 - Viveiro Manequinho Lopes - e, claro, sempre tem outras pessoas envolvidas, mas, de uma forma geral, são essas divisões aqui que estão no trabalho. Ah, a Comunicação, que também é fundamental aqui, a gente não pode deixar de falar deles e podemos terminar. É isso, gente. Então, qualquer dúvida, estou à disposição de vocês e eu agradeço muito a oportunidade. A ideia é: que que a gente precisa. Tem coisa que a gente não faz com o manejo usual do parque, então a gente agora está começando com uma equipe de manejo nos parques da Centro-Oeste, que eles vão ter que fazer as podas preventivas. Eu tenho mais ou menos uns 12 parques, mas a Centro-Oeste tem quantos parques? A Camila ela é a Coordenadora da Centro-Oeste. A gente tem mais de 20 parques com poucas equipes para fazer o manejo arbóreo de prevenção, atender a uma emergência. Não vamos esquecer que a gente ficou alguns meses sem contrato. Então, a gente vai ter bastante trabalho para fazer. Então eu não consigo dispor uma equipe para tratar desse problema, porque é como se fosse... é uma doença mesmo, que ela tem que ser acompanhada, porque se a gente começa a fazer uma supressão e para, elas voltam. A USP passou por isso, gente. Eles ficaram sem contrato, as seafórtias voltaram todas, por isso que o nosso projeto tem dois anos. A gente tem que ter uma equipe e um trabalho de educação ambiental e sensibilização e capacitação no decorrer de dois anos. Controlou o problema, aí é conservação. Aí a equipe usual do parque consegue fazer. Apareceu uma mudinha, vai lá e tira, mas esse início a gente realmente precisa, a gente está em busca mesmo de parceiros, de um financiamento, para poder conduzir e contornar esse problema. Então, por isso que eu estou aqui hoje, para a gente poder conversar. Obrigada.

**José Manuguerra (Coordenador Geral)** - Obrigada, Andreia. Excelente apresentação. Naturalmente os projetos aqui apresentados serão desenvolvidos segundo os parâmetros do FEMA e, posteriormente, levados aos Conselheiros para possível deliberação. Então, eu abro a palavra aos Conselheiros. Se tiverem qualquer questionamento, dúvida, a equipe da Secretaria está à disposição para esclarecer qualquer ponto. Alguma dúvida, alguma consideração? Ok, vamos passar ao próximo item da ordem do dia: apresentação sobre o projeto de implantação da escola de agroecologia na região de Parelheiros. Passo a palavra à Senhora Leda Aschermann, do Comitê de Mudanças Climáticas da Secretaria do Verde e Meio Ambiente para a sua apresentação. Esse projeto da escola de agroecologia envolve também um prêmio que a

Prefeitura de São Paulo recebeu no ano passado da Fundação Bloomberg, com recursos destinados exclusivamente para educação ambiental. Então, bom, eu passo a palavra à Leda para a apresentação. Então ela trará maiores detalhes.

**Leda Aschermann** - Obrigada, Manu. Nós estamos aqui com as nossas colegas da SMUL, que vão apresentar o projeto. Ah, para me apresentar. Eu sou Leda Aschermann, hoje eu estou na Secretaria Executiva do Comitê de Mudanças Climáticas, já estive na Secretaria no período de 2005 a 2012. Acho que está muito alto, não está? E eu falo isso porque daí vem essa contribuição que a Secretaria está dando para esse projeto que é tão importante. Desde que nós recebemos todos os parques naquela região de Parelheiros como compensação ambiental da implantação do Rodoanel, que foi uma intervenção muito violenta; necessária, mas, do ponto de vista ambiental, a gente não pode negar a violência que passou inclusive pela minha cidade, rasgando a cidade e causou um grande dano ambiental, mas enfim... Nós recebemos várias áreas, dentre elas - foi praticamente uma doação de um parque, que se chama Ribeirão Colônia, que era o antigo clube de campo dos funcionários das indústrias Metal Leve, que depois virou as indústrias Mahle, foi incorporado. Desde aquela época, nós já pensávamos na área, que era uma instituição que se chamava Artemisia, nós pensávamos em criar uma escola de agroecologia na região. Eu vou, eu já falei o porquê que eu estou interferindo um pouco nesse projeto. Na verdade, tem a ver com a frase muito interessante do Leonardo Boff, que colocou, que fala da relação entre as coisas e obviamente que esse projeto da Bloomberg tem a ver com a preservação daquela região, que é uma região produtora de água. Algumas pessoas também conhecem aquela área, esse parque, como Parque das Nascentes. Então, eu acho que é melhor, para a gente depois contextualizar, porque é que a gente está reunido solicitando um recurso para a instalação e início - é um projeto que chama Ponto a Ponto e eu diria que talvez seja o primeiro ponto, um pontinho, mas que já dá pra gente dizer que o projeto está efetivamente nascendo numa região importantíssima. Eu vou passar a palavra... Quem que vai fazer a apresentação? Taís? E depois, então, depois de conhecer o projeto a gente volta a conversar sobre a demanda com recursos do FEMA.

**Taís** - Bom dia a todos. Meu nome é Taís Sukumo, sou arquiteta, urbanista da Secretaria de Urbanismo e Licenciamento. Está aqui também a Ana Kaiser. Você não quer apresentar? Não? Também arquiteta lá da Secretaria de Urbanismo e Licenciamento. Como foi comentado, o prêmio foi ganhado pela Prefeitura no ano passado. É um projeto que foi desenvolvido a partir do retorno da área rural no Plano Diretor da cidade, então um projeto que nasceu na Secretaria de Desenvolvimento Urbano, antiga SMDU, que agora se juntou aí no Licenciamento e chama Ligue os Pontos, o projeto, e a ideia é, de fato, articular as várias políticas que estão incidindo aí no território de Parelheiros e Capela, com foco na zona rural e muito no entendimento de que o fortalecimento da agricultura nessa região é uma das maneiras da gente trabalhar pela preservação ambiental ali. Então, enfim, e como a Leda comentou, acho que a escola é um primeiro passo aí no sentido da gente começar a estruturar uma série de ações que tanto o projeto que ganhou esse prêmio da Bloomberg prevê quanto outras ações aí da Prefeitura e da Secretaria. Quem está coordenando esse projeto pela SMUL é o Secretário Adjunto Marcos Campagnone. Também desde o começo do ano se formou uma comissão de acompanhamento interssecretarial, do qual a Secretaria do Verde faz parte, a Secretaria do Trabalho, Secretaria de Inovação e Tecnologia, Assistência, Relações Internacionais e a Secretaria de Educação. E, aos poucos, vão se somando aí também outros parceiros. Então, eu ia sugerir a gente passar um vídeo, que apresenta aí um pouco o contexto da região e as principais propostas do projeto e aí, acho que depois a Leda também apresenta a escola. (período sem áudio). Só, enfim, contextualizar um pouco. O projeto, então, prevê esses três grandes eixos de ação, que um é o fortalecimento dos agricultores, o outro é atuação na cadeia de valor aí da agricultura e uma terceira linha, frente de ação, em relação a dados e evidências. Essa ideia da escola, esse projeto da escola de agroecologia, eu acho que ele seria um ponto de apoio e convergência para todos esses aspectos. O prêmio da Bloomberg não prevê investimento em obras, equipamentos. Ele é um prêmio que vem de uma área lá da Bloomberg, que é de inovação em governos. Então, estão eles muito preocupados com a construção de metodologias, com a replicabilidade dos impactos e do que o projeto for estruturando. Então, nesse sentido, a gente acredita que seria uma convergência boa, né, juntar a ideia aí da construção da escola com a oportunidade que o projeto traz da gente começar a iniciar cursos, iniciar a estruturação de um projeto pedagógico para essa escola, enfim, que eu acho que também é um projeto um pouco mais longo aí no tempo.

**Leda** - Obrigada, Taís. É isso mesmo, né? De novo tem que falar o nome? Cada vez que falar? Leda Aschermann. Tem uma outra frase do Leonardo Boff que eu gosto muito, que é "a cabeça pensa onde os pés pisam" e eu acho que isso é verdade. Por isso, que eu acho que a primeira coisa que a gente tem que colocar em pé é um espaço que possa receber essas pessoas que vão pensar no local, onde a gente possa começar - o pessoal da SMUL - a chamar esses agricultores, a envolver o Prefeito Regional, que antigamente chamava Subprefeito, as lideranças da região, enfim. Assim, nós já estivemos lá, o pessoal da SMUL várias vezes, no nosso Parque Ribeirão Colônia. Ontem nós estivemos de novo com o Subprefeito e a equipe de obras e nós chegamos depois de uma reunião longa com a equipe que está coordenando esse projeto, que é lá da SMUL, de que, assim, a gente precisaria de algum recurso para deixar a casa... Os arquitetos têm um termo - como é que é, Taís, que eu sempre esqueço? Que é de tornar a casa em condições de uso. Então, eu queria passar a apresentação porque vou mostrar algumas fotografias dessa região e o que a gente precisa fazer para tornar a casa em condições de uso. É lógico que os engenheiros "não, mas tem que derrubar, mas tem que fazer". Num primeiro.. A casa é muito bem construída e eu vou mostrar. Pode passar. Então, a gente está falando dessa região; acho que vou lá para a frente para poder mostrar para vocês. A gente está falando dessa área central, que é uma área que tem 100.000 metros quadrados. O entorno é todo uma mata, tem quase 700.000 metros quadrados. Portanto, mais da metade do Parque Ibirapuera de mata, várias nascentes. Quando a gente entra um pouco, a gente consegue - a Taís já entrou, né Tais? Quem que entrou nessa mata? - a gente consegue ouvir barulho de água, quer dizer, tem muitas nascentes e a gente está falando da reforma desta casa. Uma reforma que é para a parte hidráulica, elétrica. Ontem, nós examinamos com o olhar mais clínico. O Manuguerra é engenheiro, a gente estava com mais três engenheiros da Subprefeitura. Parece que o piso é recuperável, apesar de ter chovido esses dias, estava molhado porque quebraram, tiraram algumas telhas. Pode passar para outra, onde a gente tem uma planta. Pode passar. Olha, isso. Então, tem uma recepção, não, essa é a sala grande. Aqui é a recepção, que acolheria, num primeiro momento, a recepção tanto da escola como de alguém do parque, da zeladoria do parque. Aqui tem uma cozinha grande, aqui tem mais uma sala grande, que não tem porta; a gente não entendeu direito, mas a gente pode abrir uma porta para uma sala de reuniões. Aqui uma sala de professores, aqui tem dois banheiros e aqui é uma arezinha coberta. É uma casa que foi construída provavelmente há uns 40/50 anos atrás. Ela é sólida; foi depredada, invadiram a casa, o Subprefeito retirou as pessoas de lá, mas ela é bastante sólida, quer dizer, ela não precisaria, nesse momento, para acolher esse primeiro ponto e falar "olha, estamos aqui", junto com a população local, junto com o público com quem a gente quer trabalhar. Acho que tem mais uma foto. Essa é a casa por fora. A gente está prevendo também fazer a questão da acessibilidade, garantir.. E é uma casa muito adequada, é uma construção tipo colonial, ela está bem no início, então as pessoas... passa ônibus na porta, as pessoas têm acesso fácil e a casa está bem perto da entrada do parque. A gente tem um TCA para fazer o cercamento do parque, o que é muito importante para garantir a segurança de equipamentos que a gente vai ter lá, que já está investido nesse cercamento padrão DEPAVE, né, Caio? Como sempre o padrão DEPAVE perseguindo a gente no seu valor altíssimo, mas a gente já garantiu o cercamento. Tem mais alguma foto? A parte do lado e aqui a gente ainda não descobri direito o que é isso. É um grande galpão e ele tem uma parte alta, que o Árpade, que era um dos agricultores que apareceu aqui, ele falou "olha, Leda, pode ser o primeiro teatro da região. Eu acho que era um lugar para o caminhão encostar e descarregar material. A gente também pensou em recuperar essa área porque é uma área interessante. Tem duas casas anexas e acho que tem uma foto dessa área por dentro. Vamos ver. Não. Então aqui é o que são algumas fotos da casa-sede, onde vai funcionar a escola, por dentro. O madeiramento do telhado parece que está em ordem, Taís. Ou só as telhas e como tem vários quiosques espalhados pelo parque, é a mesma telha, a gente vai aproveitar as telhas para não precisar comprar e são telhas bem antigas. Talvez a gente nem encontrasse, mas eles têm lá. Ontem, tinha algumas portas que já tinham sido retiradas, estavam prontas para serem levadas. Eu já pedi para o Subprefeito guardar. Pode passar. Aqui tem os dois banheiros, aqui é troca de vidros, que mais que tem.... Aqui foi onde foi... Como tiraram algumas telhas, começou a chover e daí esse forro caiu. E aí tem alguns detalhes que acho que a gente pode conversar. Eles queriam por um forro de plástico, eu falei aí "olha, aí a gente combina". Um fogão a lenha bonito, que está de pé. Essa é uma das salas. É um taco muito bonito, meio rosado, eu raspei, eu espero muito que a gente consiga recuperar. Pode passar. Tem uma lareira simpática nessa recepção, que já queriam quebrar e tirar, mas eu falei



"mas que mania de arrebrantar tudo", né? Preservar eu acho que não é só a mata, é preservar no sentido amplo da palavra. Bate sol, a casa é ensolarada. Pode passar. Aqui tem outra sala, que seria a sala de aula, é grande, cabem de 80 a 100 pessoas. Pode passar. Aqui é a cozinha, enfim. Levaram tudo, mas nada que a gente não possa recuperar. Essa é a área que eu falei para vocês da garagem, que vai ser o segundo passo de recuperação. Primeiro, a gente vai trabalhar com o valor de R\$ 150.000,00, que esse é o nosso pleito para o FEMA, porque nós conseguiríamos fazer um convite. Cadê o Agnaldo? E, rapidamente, ele falou que em cinco dias ele faz o convite. Eu já pedi para ele me mandar uma planilha, o Subprefeito. Eles têm muita agilidade em fazer esse tipo de reforma, porque eles fazem isso para as UBS, para as escolas, para os equipamentos públicos, e ele ficou um pouco assustado com o valor, mas depois do conceito que ele foi concordando, de que a gente queria trabalhar mais com recuperação e menos em quebrar e fazer coisas novas, ele começou a achar que poderia ser. Depois de 30 dias, a gente pode fazer um segundo convite de mais 150.000. Eu já queria deixar isso registrado, porque esse seria o valor necessário para recuperar esse galpão. É um galpão importante para a gente ter, por exemplo, amanhã ou depois, um pequeno trator, para ter ferramentas maiores. Eles colocaram como depósito, mas não são. São dois conjuntos de apartamento. Eram casas: tem cozinha, banheiro, dois quartos. Amanhã ou depois a gente pode ter alguém morando lá para tomar conta, a gente pode... ser um lugar para o segurança da região que consiga nos ajudar a manter a escola e o parque também. Tem mais alguma foto? Essa é a porta, é uma porta bonita, de madeira maciça, deve ter custado algumas árvores aí da região e essa é a parte de dentro, que o Árpade... A gente pode ter um espaço polivalente, que vire um teatro, que vire um lugar para guardar ferramentas, um carro que a gente pretende ter. Eu fiquei em dúvida, Taís, se a gente pode usar o recurso do projeto para ter um segurança lá. Você acha? Não. Então, o DEPAVE 5, quero aproveitar que vocês estão aqui - eu sei que a gente acabou de contratar segurança para a região Sul. Se a gente pode aditar por mais um homem para essa região, porque a gente vai começar a colocar as coisas para reforma lá e se a gente não tiver alguém, a gente vai comprar várias vezes a mesma coisa. (voz ao fundo). Isso, lógico, lógico. (voz ao fundo)

**José Manuguerra (Coordenador Geral)** - Por favor, microfone, se identifica.

**Taís** - Não sei se ontem foi mencionado na visita, mas parece que a Guarda Ambiental precisa de um espaço também ali na região. De repente, a gente consegue também, enfim, convergir aí os vários usos e...

**Leda** - Eu acho o nome Ligando os Pontos muito adequado, porque não é uma cultura da coisa pública trabalhar de forma sinérgica, compartilhada. A gente acaba, por tanta demanda, os Departamentos, as Secretarias são ciosas dos seus espaços. E a gente tem que romper isso, porque nós não vamos conseguir dar conta do desafio que está pela frente se a gente não juntar forças. Eu acho perfeito que a gente tenha uma base lá. Uma dessas casas, por exemplo, a gente pode adequar para ser um ponto da Guarda Ambiental naquela região, que tem invasão, que tem planos de invasão nessa mesma área, já houve invasão, quer dizer... Então, ótimo, Taís, boa notícia essa. Essa é a parte de cima, então está em cima olhando para o portão. Tem portão dos dois lados, por isso que eu acho que era uma coisa para entrar carros grandes. Todo forro é de madeirinha na parte de dentro da casa também. O que sobrou, uma parte é de gesso e uma parte é de madeira. Então, eu acho que é isso. Tem mais alguma coisa? Não. Enfim, acho que está colocado, a gente está à disposição, o pessoal da SMUL... Lá no Comitê de Mudanças Climáticas, também estou me disponibilizando para o que a SMUL precisar. O Subprefeito acabou entusiasmado, porque é um equipamento importantíssimo naquela região. Ontem estava o Árpade, logo depois chegou o Cristiano, que eles são do... Como chama aquele... (voz ao fundo) Como? Casa de Agricultura e já pediram para (voz ao fundo). Isso. Da Secretaria de Trabalho e eles estão na Subprefeitura - mal instalados - e eles também já pediram para ir para lá. Eles viram um lugar que tem seis estacas e um resto de telhado aberto, eles falaram "olha, a gente pode ficar aqui". Então, eu sinto que vai ter uma confluência, sabe, de interesses e eu acho que esse espaço pode e deve acolher Casa da Agricultura, tem a cooperativa também, COOPERAPAS, enfim, a própria escola. Eu acho que amanhã ou depois... Eles já estavam visualizando. Sabe quando você olha o lugar e começa a falar "olha, aqui a gente pode ter uma estufa, aqui a gente pode ter um viveiro". É isso mesmo. Foi muito bom, a gente andou lá e voltamos, o que, às 6 horas, né? E eu quero confessar que eu assisti umas quatro, cinco vezes, às 9:30 da noite aqui - foi a hora que eu terminei - e consegui assistir o filme de vocês e eu assisti de novo e de novo e

voltei para casa cheia de entusiasmo, mesmo estando muito cansada. É isso. A nossa demanda hoje então é essa, a apresentação de um projeto inovador, que está vindo dinheiro do outro lado, lá de cima, pra gente tocar. Obrigada.

**José Manuguerra (Coordenador Geral)**- Obrigado, Leda, obrigado às colegas da Secretaria de Urbanismo e Licenciamento. De fato, estivemos ontem no Parque Ribeirão Colônia vendo as instalações das casas. É uma área fabulosa, não apenas as duas casas, mas tem um campo de futebol enorme, com vestiários enormes, tem diversos quiosques pequenos e grandes que não necessitam de qualquer reforma: eles já podem ser utilizados imediatamente para atividades. A ideia do projeto da implantação da escola de agroecologia é trazer condições mínimas para possibilitar a utilização. O Árpád, inclusive ontem, durante a reunião com o Prefeito Regional, o Adailson, ele virou para mim e falou "Manuguerra, me dá 15 dias que eu arrumo 50 alunos". Então, existe uma demanda represada para as atividades da escola de agroecologia na região de Parelheiros. Os produtores rurais de Parelheiros - basicamente produção familiar - e muitos enfrentam dificuldade em segurar as novas gerações, segurar os filhos, que fala "pô, eu quero ir para a cidade grande, eu quero ir para São Paulo, eu quero trabalhar com internet, com computador". Então, eles acabam deixando a agricultura familiar em segundo plano justamente pela falta de apoio, falta de educação, falta de ensino especializado. Então, como a Leda muito bem colocou agora no final, é uma iniciativa inovadora: uma escola de agroecologia dentro de um equipamento público que futuramente poderá envolver outras Secretarias, é claro, mas a ideia desse projeto, inicialmente, é tornar utilizável, em condições mínimas para poder promover as aulas de educação ambiental, agroecologia e outras. Então, um projeto muito bacana. A gente imagina dividi-lo em fases. Uma primeira fase, a casa principal, e uma fase futura, o galpão e as casas anexas. É interessante observar nas plantas que a Leda mostrou tinha as medidas, né, dos ambientes. Como a construção é antiga, todos os ambientes são muito grandes, então "ah, é um quarto". É um quarto de quase 20 metros quadrados. O menor quarto lá tem 20 metros quadrados. Ah, vai ser uma sala de professores. Dá para ser muito mais do que uma sala de professores. A sala de aula, ela é tão grande que a gente até cogitou, junto com o pessoal de DEPAVE, poxa, poderíamos pensar em colocar uma daquelas divisórias corredeiras para dividir essa sala em duas, fazer duas salas grandes e num evento de maior proporção, abre a porta, vira um salão, que é o que nós vimos lá. Então, é uma construção bastante interessante, ela não necessita de obras, ela necessita de reforma. É reformar o telhado aproveitando as telhas, é reformar a hidráulica, trocar registros e tal, rever a parte elétrica e acabamento. Então, a gente imagina, junto com o apoio da Prefeitura Regional de Parelheiros, conseguir realizar essa reforma de maneira bastante rápida. Então pena que o Agnaldo ele teve que se ausentar. Possivelmente, a gente está vendo a possibilidade de fazer uma reunião extraordinária do FEMA para novembro para buscar aprovação desse projeto para poder utilizar os recursos ainda este ano, porque em janeiro a gente já gostaria de começar as reformas e, no primeiro trimestre de 2018, um evento de inauguração da escola, já com alunos, já com professores, já com equipamento em funcionamento. O Prefeito Regional Adailson ele nos garantiu que ele conseguiria dar bastante agilidade a esse projeto se nós conseguirmos, naturalmente, os recursos e a aprovação. Mais uma vez, obrigado, Leda, as colegas da Secretaria de Urbanismo e Licenciamento. Eu passo para os Conselheiros, agora, se houver alguma consideração, alguma dúvida que vocês queiram tirar com os colegas sobre o projeto. Conselheira Magna.

**Cons. Magna** - Bom dia, Magna da Ciranda - O parque ele já ele está, ele está implementado, mas não tem um plano de manejo? Como?

**José Manuguerra (Coordenador Geral)** - O parque ainda não está implantado, ele é uma área que foi doada à Prefeitura e ele ainda não está implantado. Então, a ideia é justamente cercá-lo, colocar vigilância, implantar a escola e aí passa a ser um parque com um Conselho Gestor e tudo o mais. Então, novamente, é um projeto conjunto. A escola de agroecologia faz parte de um projeto maior que trata da implantação efetiva desse parque, tá? E é uma área maravilhosa. Nós estamos falando de 700.000 metros quadrados, 100.000 dos quais de área utilizável para a escola, mas como eu disse, tem o campo de futebol, vestiário, tem uma área de mata gigantesca, nascentes, tem um lago muito bonito e águas limpíssimas. Nesse lago tem um vertedouro. A gente fica lá só olhando a aguinha cair. É um lugar realmente bastante bonito e com acesso facilíssimo. Passa ônibus na frente. Fica na própria Estrada do Colônia - é uma avenida da região. Uma localização privilegiadíssima, Magna, é um lugar bastante bacana. Inclusive no evento a

gente tem o dever de convidar os Conselheiros para conhecer o parque, fazer uma pequena excursão até lá; coisa de 40 quilômetros. É uma região tão bacana que quando a gente olha no horizonte em direção à cidade não se vê prédios de tão distante que é. Você só vê mata, mata, mata. É maravilhoso, é sensacional.

**Leda** - Só dar a informação que ele já existe por Decreto; então, a questão fundiária está resolvida; dos 100 mil metros quadrados, que é onde tem essa área que tem o lago, que tem as casas, os equipamentos. Então ele já um parque criado. Ele precisa agora ter vida lá dentro, acontecer coisas. Esse campo de futebol, tem quadras, tem um vestiário. A gente está fazendo um contato com a Secretaria de Esportes para ver o que é que eles podem desenvolver de atividade lá na região também. Então, eu acho que ele é totalmente regularizado já. Não existe nenhuma dúvida do investimento. (voz ao fundo). Caio.

**José Manuguerra (Coordenador Geral)**- Exatamente. Obrigado, Magna. Alguma consideração? Conselheiro?

**Cons. Caio** - Eu acho um empreendimento importantíssimo, muito bem vindo, até por ter uma proposta de acolhimento dos jovens. Isso que você colocou acho que é fundamental e, assim, eu acho, gostaria que nós tivéssemos aqui a tarefa de um olhar para as áreas de expansão urbana, que lá é área de expansão urbana sul, para a área rural. Na parte norte, na zona rural norte, eu tô achando que tem uma tragédia socioambiental gravíssima lá e eu queria que, em algum momento, a gente tivesse oportunidade de olhar para isso. Por exemplo, a questão da febre amarela lá na Zona Norte. Aí falou-se da lista de parques que devem ser proibidos de uso. Eu vi que está na lista o Parque do Córrego do Bispo. O Córrego do Bispo está totalmente ocupado por barracos, palafitas etc. e uma encosta muito íngreme da Cantareira os barracos subindo. Então, só uma proposta que a gente lide, discuta aqui, reflita sobre as áreas de expansão urbana e a questão socioambiental gravíssima que ocorre nessas áreas.

**José Manuguerra (Coordenador Geral)** - Obrigado, Caio. Conselheiro? (vozes ao fundo)

**Cons. Sueli** – Sueli, do CEMAIS de São Mateus. Uma das minhas perguntas você respondeu. Era a demanda, se existia demanda na região. Não sei se todos sabem, mas na região de São Mateus também nós temos agricultura urbana, inclusive com uma área de agricultura urbana. E a ideia é maravilhosa, né? É muito bom e a gente também gostaria de ter uma lá na região de São Mateus. Com o tempo, a gente leva. Pega a ideia da Zona Sul e leva para a Zona Leste. Eu tenho uma preocupação. É sempre muito bom construir equipamentos públicos, projetos, ideias e a manutenção disso? Isso está pensado? A gestão desse espaço é uma gestão pública, é uma gestão compartilhada? Como que se pensou fazer a gestão desse espaço futuramente? Porque nós temos vários equipamentos e sem condição de uso, sem atividade, sem nada. Essa é só uma preocupação.

**José Manuguerra (Coordenador Geral)** - Obrigado, Sueli. Sim, existe a demanda, conforme eu te falei e, com relação à manutenção, trata-se de uma iniciativa maior do que a Secretaria do Verde apenas. Como já explicado pelas colegas da Secretaria de Urbanismo e Licenciamento, o programa Ligue os Pontos tem uma visão mais holística, mais ampla da coisa. Então, gente está em tratativas com Secretaria da Cultura, Esportes, Trabalho e Empreendedorismo, entre outras. Então, futuramente a gente imagina que a manutenção do espaço também seja compartilhada por se tratar de um equipamento multiuso. Então, trata-se, sim, de uma área verde, de um parque implantado, porém com equipamentos multiuso, então é razoável que a manutenção também seja compartilhada. Naturalmente, a escola de agroecologia é gestão da Secretaria do Verde, Ok? Leda quer fazer alguma consideração?

**Leda** - Sueli, você tem razão. Eu acho que tem vários atores, que hoje em dia a palavra é *stakeholders*, está tão em uso e eu não saberia dizer qual é a tradução, mas que são aqueles que sustentam. A gente também está conversando, mas trabalhar em orquestra demanda um afinamento e demanda alguns cuidados também, que é a gente construir essas relações que está na frase, que é o que sustenta. Então, assim, a gente tem que conversar com o Governo do Estado, com a Secretaria da Agricultura, com a ETEC... Esses meninos precisam ter um certificado do curso. Eu falo isso porque a gente tem na Monte Azul a escola de marcenaria e o SENAI certifica os meninos, eles saem de lá marceneiros. Não é só que eles fazem um cursinho. Para isso a gente precisa ter essas relações, ampliar o nosso leque de funções e ter também...

Porque uma coisa que não sei se foi dita pela Taís, esse projeto da Bloomberg ele tem começo, meio e fim. Portanto, ele é um projeto. Projeto tem começo, meio e fim e a gente tem que pensar na sustentabilidade depois do projeto implantado. Como é que vai ser isso? É uma gestão pública? A gente vai ter outras instituições? A gente não sabe. Nós estamos tecendo esse tecido social que vai dar sustentação, que um projeto dessa envergadura exige. Mas já tem que começar a pensar desde já. O que eu posso te dizer é que esse que era o clube de funcionários públicos, era dessa instituição que se chamava Indústrias Mahle, que é uma multinacional e eu fiz parte por dez anos de um instituto no Brasil que era para financiar projetos dessa multinacional na área de educação, saúde e agricultura ecológica. Eles são um dos interessados em estar conosco. No tempo certo, a gente vai conversar com eles; e assim a gente vai se fortalecendo e vai dando sentido e expandindo e indo para a Zona Norte, indo para a Zona Leste, tá?

**José Manuguerra (Coordenador Geral)** - Obrigado, Leda, e complementando a resposta para a Conselheira Sueli, sim, é uma proposta inovadora e a gente gostaria muito que o sucesso desse empreendimento fosse replicado em outras regiões da cidade, com certeza. Conselheiro Aldo?

**Cons. Aldo** - Bom dia, Aldo, da ECÓLEO. Em primeiro lugar, esse projeto lá da Colônia eu achei essencial. Então, tem todo o nosso apoio e o que a gente puder colaborar, o faremos. E por outro lado gostaria também de dar a minha concordância com o que disse o Conselheiro - esqueci o nome - Caio, quanto a mancha urbana, quer dizer, essa mancha urbana ela não é um acaso que vem assim e vai ocupando, embora às vezes pareça, né, mas é resultado das políticas públicas e os Senhores sabem disso melhor do que eu. E então é algo que eu não sei como resolver isso hoje, a não ser pela movimentação da sociedade e daqueles órgãos que têm essa visão - que nem todo mundo tem essa visão - porque o tempo passa e as coisas vão acontecendo e vão se implementando prédios atrás do outro e a gente... Parece que tudo isso é muito normal, mas não é normal, não deveria ser tão normal assim. Então isso é só um registro para que aquilo que a gente puder fazer que realmente seja feito, seja acionada as pessoas que precisam ser. Obrigado.

**José Manuguerra (Coordenador Geral)** - Obrigado, Conselheiro. Vou voltar um pouquinho no tempo. A minha primeira experiência na Administração Pública foi na EMURB, agora SP Urbanismo e lá eu conheci uma equipe técnica de urbanistas simplesmente fantástica, de uma competência extraordinária. Então, é fato: as políticas públicas definem o crescimento da cidade junto com o mercado, em complementação ao mercado. A palavra-chave desse desenvolvimento, Aldo, é planejamento. Você precisa planejar a longo prazo. A mudança da mancha urbana - foi um dos primeiros instantes do vídeo - mostra esse crescimento, mostra... Os anos passam muito rápido, porque esse crescimento é lento, mas é uma preocupação que nós temos no poder público de fazer esse crescimento de uma forma controlada, mas eu reforço: a palavra-chave disso é planejamento, é preciso pensar muito à frente, décadas à frente. As mudanças em cinco anos não são tão perceptíveis, mas ao longo de 30/40/50 anos a gente sente o impacto. Hoje nós sentimos o impacto de decisões que foram tomadas há 40/50 anos atrás. Ok? Alguma consideração adicional sobre o projeto? Ok, muito obrigado. Eu acabei esquecendo. No item de inclusão de pautas para a reunião de hoje, nos foi solicitada pela Diretoria de Gestão Descentralizada uma apresentação sobre um projeto de modernização da fiscalização. Então eu passo a palavra ao Sérgio Forini. Ele é Diretor do Departamento de Gestão Descentralizada. Ele fará uma apresentação sobre uma situação curiosa que os nossos fiscais enfrentam hoje: 2017, pleno século 21. Ele trouxe alguns exemplares aqui, um papel carbono, branquinho, uma coisa bastante tecnológica e eu passo a palavra ao Sérgio.

**Sérgio** - Bom dia. Sérgio Henrique Forini, eu sou analista de meio ambiente da Secretaria e estou como Diretor de Departamento de Gestão Descentralizada. Como analista e quem efetuava os autos - eu trouxe aqui um exemplo de 2010, mas continua até hoje - eu trouxe aqui o modelo que a gente usa, que eu usava para fazer as multas e como que era, como que é até hoje. Eu vou passar para os... Então, a nossa proposta é aprimorar a ação fiscalizatória, uma melhor infraestrutura para os procedimentos, para atividades em todos os Departamentos. Como não é só o Departamento de Gestão Descentralizada, como o DEPAVE e o DECONT, a gente está trabalhando os três Departamentos juntos. O que que acontece hoje? A ação fiscalizatória ela acaba sendo manual. Pode passar. O que que a gente faz hoje: tem auto de inspeção, auto de notificação, auto de infração e auto de multa. É um processo que está altamente tecnológico. Vocês podem ver que nós estamos em 2017, a Secretaria do Verde usa carbono para fazer. Qual

que é o problema aí? A gente está fazendo aqui dentro a integração com o SEI, está vindo os processos de denúncia tudo por mídia eletrônica e a hora que o fiscal vai, ele tem que levar o carbono. E, se tem um erro no preenchimento desse auto de multa, volta todo o processo. Ele tem que refazer o auto, ele tem que... é tempo do fiscal. Não é o outro fiscal que vai fazer, é ele que vai fazer. Ah, ele errou, ele tem que refazer. Se ele errou no finalzinho, colocou a data errada, como é carbono não pode apagar; volta tudo para fazer de novo. Então, o processo fica físico, eu tenho que abrir um processo físico para colocar tudo isso. Se o fiscal tem que sair para verificação de uma área, chega lá numa denúncia, chegou para verificar se tem uma outra denúncia, ele notifica, faz o auto de notificação, volta para a Secretaria para ver se tem alguma aqui dentro, faz requisição, todo o processo para verificar se tem. Aí, se tem... se não tem denúncia, ele volta lá para fazer a multa. O que a gente quer é uma modernização para ele ter disponível. Ele vai ter acesso a isso. Então, quando chegar lá ele vai ver se já uma denúncia, se tem licença de funcionamento, se todas as licenças vão estar ali. Aí ele vai poder agilizar o procedimento dele. A Secretaria tem falta de agente de fiscalização. Pelos que vocês podem ver, pelo coiso, é um processo... para o agente de fiscalização é desgastante. Para preencher isso. Vocês imaginem numa área, numa invasão, como estavam comentando aqui. Quando a gente vai fazer uma multa e tem a pessoa do lado querendo saber quanto que é a multa, perturbando e muitas vezes ameaçando o fiscal e ele tem que estar ali do lado para entregar de novo. Então, o processo a gente quer que seja mais ou menos igual o pessoal do CET. Faz a multa, tem uma impressorazinha e já sai, já entrega ali. O sistema a gente está fazendo. O que precisa é da implementação. Então, passa o próximo. Aí é o que vocês viram. Tem que preencher todos esses dados; o fiscal tem que estar preenchendo tudo isso e ali na hora, na frente da pessoa. Tem essa parte, depois tem o final. Pode ir mais uma. Que aí é o final. Tem que ter testemunha, tem que ter todo esse procedimento e é manual e é ali na hora. E, aí, a gente vai substituir e voltar e também, que é junto com o DECONT e DEPAVE, para fazer vistoria de manejo, ele tem que levar o processo e vai lá na área para ver como que está. Então, o que a gente quer é modernizar isso, fazer todo esse procedimento, que a gente está fazendo um projeto para depois apresentar. A gente fez só trazer só um esboço do projeto. Então, a melhoria do controle de qualidade, maior celeridade da resolução dos problemas, maior transparência - vai ficar muito mais fácil conversar com os todos os Departamentos - e maior arrecadação do Fundo, porque que a gente vai agilizar as multas. Têm multa que às vezes essa coisa do erro do preenchimento, ela volta duas, três vezes pra um erro. Então enquanto não saia o procedimento, a gente não tem como cadastrar e cobrar a multa. Aqui é o... a gente está querendo - no item 7, no artigo 1º, fortalecimento da fiscalização. Aí só uma informação do que os Conselheiros falaram, a Secretaria está fazendo uma licitação para fiscalização por radar, via satélite, para a gente fazer o desfazimento - fazer o desfazimento, não - efetuar o desfazimento quando tiver algumas invasões. Hoje - esse ano - a gente já fez mais de 50 desfazimentos em áreas de risco. Então, é a Secretaria do Verde, os DGD regionais estão atuando nessa maneira. Mas, de novo, a gente... é muito telefone e físico. Então a gente quer agilizar esse processo.

**José Manuguerra (Coordenador Geral)** - Obrigado, Forini. Esse projeto ele é especialmente importante porque diferente do que eu falei no início, papel carbono não é algo altamente tecnológico. É que na gravação é possível que a ironia não fique clara. É um absurdo a gente ter que conviver com papel branquinho e carbono em pleno século 21, então os Conselheiros sabem disso. Nós aprovamos este ano dois projetos: 1) monitoramento de áreas via satélite e 2) fortalecimento do controle, que inclui equipamentos e capacitação de servidores do DGD e do DECONT, Departamentos da Secretaria do Verde. Esse projeto ele complementa esse projeto inicial de fortalecimento, porque ele que atua justamente na ponta. Hoje o processo nasce papel e ele se desenvolve eletronicamente. Então, é um trabalho adicional, não apenas ter que escrever e corrigir no papel carbono e posteriormente passar as informações desses autos para o sistema informatizado. Então, existe essa diferença de gerações dentro desse fluxo e isso traz problemas de produtividade muito grandes. O processo deve nascer digital, se desenvolver digital e ser concluído digital. Então, é um projeto bastante importante não apenas pela velocidade, pela celeridade, mas pela confiabilidade que ele traz ao processo de fiscalização. Então, muito obrigado, Forini. Eu passo a palavra agora aos Conselheiros que tiverem alguma consideração a fazer.

**Cons. Ricardo Mellão** – Ricardo Mellão, da Secretaria de Gestão. Uma dúvida só. Hoje os fiscais de posturas urbanas eles fazem a fiscalização através de um sistema chamado SGF, se eu não me engano, e eles possuem um *tablet* para fazer esses autos todos. Até me surpreendeu ver que na Secretaria de Verde e Meio Ambiente a fiscalização era feita dessa forma, sendo que muitas vezes as funções de ambos coincidem, porque num mesmo local você pode ter tanto fiscalização de posturas urbanas, como a fiscalização ambiental. É possível - não sei, tô pensando aqui, não sou um profundo conhecedor do assunto - integrar de alguma forma essas duas coisas num mesmo sistema, numa mesma ação?

**Sérgio** - O sistema, quando eu falei que a gente está desenvolvendo um sistema, é justamente para usar... vai ser o sistema integrado. O que a gente está querendo é o físico, os equipamentos. Mas o sistema que está sendo desenvolvido aqui, o que o Manuguerra falou também.... O grande problema é que a gente começa papel. Não seria possível fazer isso, esse projeto hoje, se não tivesse um projeto anterior para a gente informatizar a Secretaria, os DGD. Agora a gente precisa da ponta, porque a gente começa papel, vira eletrônico e acaba papel. A gente quer eletrônico, eletrônico, eletrônico. E a gente vai, essa integração com o sistema todo da Prefeitura, então nós vamos usar o mesmo sistema que os vistoros, da GCM ambiental usa, é o mesmo sistema, vai ter integrado com todo mundo.

**Cons. Ricardo** - Entendi, porque às vezes, como no mesmo ambiente você tem dois tipos de infração, tanto ambiental quanto urbano, muitas vezes eu acho que é uma redundância aí de um fiscal lá e falar "ó até aqui eu posso fiscalizar, a partir daqui é o ambiental". Talvez integrar isso de alguma forma. Vocês que conhecem melhor essas especificações.

**Sérgio** - É, já está até eu estou vendo aqui uma Portaria - a gente está fazendo Portaria, tudo - para ter essa junção dos sistemas. A parte jurídica a gente está resolvendo, a parte de sistemas a gente está resolvendo. Falta o final do coiso.

**Cons. Ricardo** - Legal, perfeito. Obrigado.

**José Manuguerra (Coordenador Geral)** - Obrigado, Conselheiro. Alguma consideração, dúvida? Conselheira Sueli? Estou olhando para você. Ok? Obrigado, Forini, projeto bastante importante, fundamental para o setor público entrar de fato no século 21, né, pelo amor de Deus, gente. Vamos lá. Passando para o último item da pauta, sugestões de pauta para as próximas reuniões. Eu lembro a todos da importância dessa atribuição dos Conselheiros e eu abro espaço para os Conselheiros enviarem as sugestões também por e-mail, para que a gente possa alimentar uma base de dados com sugestões e formatar de uma forma mais transparente as próximas reuniões. Alguém tem alguma sugestão para a próxima reunião? Conselheiro Aldo?

**Cons. Aldo** – Aldo, da ECÓLEO. Eu gostaria de - poderia fazer depois por e-mail também, de forma melhor fundamentada - mas eu gostaria de incluir nas nossas preocupações a questão da coleta e reciclagem do óleo de cozinha, de mais de uma forma mais integrada, que a gente pudesse identificar - como disse a Leda, né - os atores que possam contribuir com a resolução, porque eu não gostaria de fazer simplesmente uma ação específica de conscientização num tal ponto, por exemplo, sem a gente conseguir atingir o cerne da questão, envolvendo os setores públicos, quer dizer, as várias entidades do setor público, o setor privado também. Hoje nós temos praticamente dois grandes grupos, ou três, que sejam, que fazem a coleta. A ECÓLEO representa uma dessas partes, que são as empresas que fazem a coleta e a reciclagem desse óleo de cozinha, e, recentemente, de 2012 para cá, entraram os grandes produtores do óleo comestível - a Cargill e companhia -, que são concorrentes, vamos dizer, entre si, com a ECÓLEO e a gente sabe que existe outras empresas, centenas de empresas talvez e milhares de intervenientes aí - pequenos, médios e grandes - que vivem, sobrevivem dessa atividade. Porém, falta aquele acompanhamento, que a gente possa identificar quanto nós estamos realmente coletando e também quanto nós estamos produzindo. Nós temos os números gerais, mas a gente não tem a consciência... bom, isso significa 10%, 15%. A gente pode fazer uma estimativa, mas, hoje, já se coleta milhões de litros por mês, em torno de dois milhões e talvez até três milhões, se juntarem todas, mas é uma estimativa, porque as empresas elas não gostam de expor esses números. Quer dizer, não são todas, muitas colaboram, mas tem uma outra que não quer, acha que é confidencial. E aí seria fundamental aquilo que o representante da Gestão aí ele explicou - Fori, né? - que é a parte de informática, quer dizer, um sistema que possa absorver essas

informações. Só como exemplo - e aí eu já encerro, para não prolongar muito - a ECÓLEO acabou de fazer uma parceria com a Associação Brasileira de Hotelaria e mais uma empresa, uma grande empresa, do setor de coleta. Eu não vou mencionar o nome aqui, porque a minha visão é de que todas elas façam parte desse programa. Mas, nesse caso específico, será utilizado um aplicativo e essas informações seriam dirigidas aos vários interessados, inclusive o setor de governo, as entidades que estão participando, como a ECÓLEO, de forma que se possa ter esses dados. A própria hotelaria - os hotéis, tal, que vão ser envolvidos nisso - mas teria que ser de uma forma que todos participassem. Essa é a minha visão. Não só uma determinada empresa. Então, para isso a gente precisa fazer essa identificação, então eu estou colocando esse assunto de forma embrionária ainda, sabendo que isso vai requerer uma série de passos e obrigado.

**José Manuguerra (Coordenador Geral)** - Obrigado, Conselheiro. Conselheira Sueli?

**Cons. Sueli** – Sueli da Macro Leste 1. Eu esqueci de complementar a hora que eu falei em relação ao projeto da escola de agroecologia. De uma maneira bem humilde, bem simples mesmo, o CEMAIS está tentando fazer algo, não parecido, mas alguma coisa nesse sentido. Dentro do projeto Mais Catador, que a gente desenvolve na região, um dos objetivos era fomentar a agricultura como alternativa de geração de renda e melhoria na alimentação desse público-alvo do projeto. Então, eu gostaria de apresentar esse projeto aqui. Nós estamos desenvolvendo - iniciando, tudo um bebezinho ainda - e propondo para a região de São Mateus o Centro de Estudos e Práticas Ambientais dentro de uma praça que o CEMAIS adotou. Então, parte da praça a gente está transformando num Centro de Estudo e Práticas Ambientais e eu gostaria de apresentar. Como surgiu isso e por que surgiu isso aqui, para todo mundo. Obrigada. Ah, só um detalhe. Esse Centro de Estudos vai se chamar Genival Farias, em homenagem ao nosso agricultor que faleceu lá na região, nosso primeiro agricultor.

**José Manuguerra (Coordenador Geral)** - Sueli, com certeza toda contribuição será bem vinda. Toda e qualquer contribuição que faça sentido ambiental para nós será muito bem vinda e muito bem acolhida por este Conselho e pela Secretaria do Verde. Passo a palavra à Leda, quer fazer algumas considerações.

**Leda** - E quando a Sueli for apresentar, eu convido as colegas da SMUL para ver o quanto ele também pode ser acolhido dentro do projeto da Bloomberg. Se eu não me engano, era o papel que o Árpade estava na mão era da CEMAIS, se não me engano, mas eu vou confirmar com ele. A minha pergunta é bem pontual. Primeiro eu perguntei para o Manuguerra se a gente não poderia aprovar hoje os R\$ 150.000,00 para reforma da casa, porque isso já nos permitiria avançar com a pressa que a gente tem. Ele me explicou que não. Eu não entendi direito, mas eu respeito as regras. Então, o que eu queria perguntar, como eu já mandei para o Subprefeito em nosso nome - você está copiada, a Taís está copiada. Mandei pedindo para ele me mandar a planilha, os valores e o prazo. Ele me falou que em dois meses ele termina a reforma e depois até eu queria conversar um pouquinho com vocês sobre isso. Eu queria saber... Você propôs uma extraordinária para a aprovação do projeto? Tem que ter uma extraordinária mesmo? Tá. Que daí seria quando, para eu poder estartar a reserva e transferir o recurso para o Subprefeito.

**José Manuguerra (Coordenador Geral)** - Ok, Leda. O fluxo de aprovação de recursos para projetos no FEMA segue a legislação do FEMA, a Lei 14887 e o Decreto também e a lei federal do Marco Regulatório. Então, é necessário que a deliberação seja feita em Conselho, em reunião ordinária ou extraordinária, e alguns requisitos são necessários também, como o projeto autuado, aprovação por uma Comissão de Avaliação de Viabilidade desse projeto, que é a CAV, que já está instituída e, posteriormente, a deliberação do Conselho. Aí, sim, a reserva dos recursos financeiros. Então, a gente não consegue ultrapassar nenhuma dessas etapas. A gente imagina conseguir todos esses pareceres e todo esse processo até o próximo... para que a gente consiga fazer uma reunião extraordinária no próximo dia 10 de novembro, ainda a confirmar. Existe uma séria limitação com relação a liberação de recursos, que são as datas que a Secretaria de Finanças nos fornece de solicitação. Então, a gente está literalmente correndo atrás desse prejuízo para tentar viabilizar essa liberação ainda para esse ano. Caso contrário, a gente só conseguiria a partir de janeiro ou até fevereiro do ano que vem, que é algo que a gente gostaria de evitar. A gente gostaria muito de começar esse projeto o mais rápido possível para que no primeiro trimestre a gente já consiga inaugurar efetivamente a escola e começar com turmas e começar o ano de 2018 já com uma excelente notícia. Existe essa urgência. Nós estamos

tentando a todo custo fazer o mais rápido possível, mas em momento algum a gente vai desviar do que nos prega a legislação, Ok? Acho que é importante informar isso a todos do Conselho e deixar bastante claro qual que é a nossa conduta. Ok? Alguma observação final? Podemos encerrar? Bom, gente, muito obrigado pela presença de todos. Eu dou por encerrada a 127ª reunião do CONFEMA. Obrigado.